

# Identidade, alteridade e memória em **As visitas do Dr. Valdez**, de Borges Coelho

Bernardo A. Marçolla\*

## RESUMO

Este trabalho pretende realizar uma leitura da obra *As visitas do Dr. Valdez*, de Borges Coelho, tomando a trajetória de suas personagens principais como uma busca de constituição de novas identidades. Procura-se então problematizar esse processo, concebendo-o numa perspectiva sócio-histórica de relação com a alteridade e a memória, culminando com uma reflexão acerca da constituição das identidades africanas.

Palavras-chave: João Paulo Borges Coelho; Constituição de identidades; Alteridade; Memória.

Como leitor “neófito” da obra de Borges Coelho, eu gostaria de escrever um trabalho que pudesse trazer à tona vários elementos que estão não apenas presentes na narrativa de *As visitas do Dr. Valdez* (COELHO, 2004), sinais da produção pessoal desse autor, mas também em estreita sintonia com certos elementos essenciais que têm caracterizado aquilo que, sob o risco de grande (e enganosa) generalização, temos chamado de literaturas africanas de língua portuguesa.

---

\* Trabalho final apresentado à disciplina “Literaturas africanas de língua portuguesa” (Tópico: “Projetos literários na África de língua portuguesa”), ministrada pela Profa. Dra. Maria Nazareth Soares Fonseca, durante o 1º semestre de 2005, no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

\*\* Psicólogo; mestre em Psicologia Social (UFMG); doutor em Literaturas de Língua Portuguesa (PUC Minas); professor da PUC Minas.

Um primeiro contato com a obra já faz com que fique ressaltada, como uma possibilidade de leitura, a forma como a natureza – na sua diversidade de elementos e dimensões sensoriais – é tomada como um elemento de caracterização não do espaço mas das próprias personagens. A relação que se estabelece com o mar, com a terra e com o próprio ar ilustra a constituição de uma subjetividade tipicamente africana, capaz de perceber e valorizar certos elementos da experiência que, na maior parte das vezes, são ignorados, desvalorizados ou tomados como “coisa” por outros povos. Esses elementos indicam ser essa uma literatura extremamente “ecológica”, de meu ponto de vista. Dentre os diversos aspectos que daí poderiam ser depreendidos ou mesmo relacionados, resalto também o destaque que a dimensão da música e do som ocupa na obra.

Sem desprezar tais aspectos – por si dignos de análise – pretendo focalizar minha leitura em uma outra dimensão, que, para mim, figura como eixo central a partir do qual a narrativa pode ser lida: a relação entre identidade e memória, compreendendo essa identidade como um movimento que se constitui na relação com a alteridade. Dessa forma, tenciono desenvolver uma leitura que coloque em evidência como a dinâmica de identidade das personagens principais se constitui na relação e na oposição de umas com as outras, guardando também uma relação especial com o tempo e a tradição, por meio da memória. Procedo dessa forma para evitar o risco de me tornar genérico ou mesmo superficial, ainda que essa opção não pretenda, em nenhum momento, esgotar as outras possibilidades de leitura do texto.

Como apoio teórico que forneça subsídios para o desenvolvimento de tal leitura, procuro tomar as contribuições de autores que abordam o conceito de identidade na sua complexidade e diversidade, problematizando inclusive a noção de “identidades africanas”. Pretendo, ainda, utilizar o conceito de “memória coletiva” como parte da compreensão a ser construída no que se refere aos processos identitários.

## A IDENTIDADE COMO CONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA

Antes que seja efetivamente analisada em *As visitas do Dr. Valdez* (COELHO, 2004), creio ser importante discutir brevemente como a questão da identidade se revela um conceito delicado, passível de ser compreendido sob múltiplas perspectivas. Quando se pretende falar de uma “identidade africana”, a tarefa torna-se então ainda mais problemática.

Em um artigo que visa a fazer uma ampla revisão de como o tema “identidade” tem sido tratado nos últimos anos<sup>1</sup> pelas ciências sociais, Cerulo (1997) aponta três tendências básicas: a primeira diria de estudos voltados às questões coletivas ligadas a gênero/sexualidade, raça/etnia e classes, os quais buscariam compreender as implicações coletivas e políticas que resultariam de definições dessas categorias; uma segunda tendência estaria relacionada a estudos voltados para processos de identificação pessoal, também ligados ao coletivo; e a terceira tendência vincular-se-ia a estudos voltados para as novas tecnologias de comunicação e para as novas formas de contato por estas ocasionadas.

Acredito que a forma como tal conceito será abordado neste trabalho talvez se aproxime mais da primeira tendência apontada por Cerulo (1997), já que tomo como ponto de partida as contribuições de Jacques (1998). A autora, ao discutir o conceito de identidade sob o prisma da Psicologia Social, deixa clara a diversidade de concepções que envolvem sua definição, assim como as dicotomias e os processos implicados na sua constituição. Entretanto, em todas as suas variações, esse conceito diria basicamente de uma identidade que “[...] se refere a um conjunto de representações que responde à pergunta ‘quem és’” (p. 161). Jacques considera também que essa representação de si em resposta à pergunta “quem és” seja uma articulação entre a identidade pressuposta, a ação do indivíduo e as relações nas quais este está

---

<sup>1</sup> Cerulo (1997) faz uma análise dos trabalhos publicados a partir de 1980.

envolvido concretamente. Dessa forma, as identidades podem ser compreendidas como “formas histórico-sociais de individualidade” (p. 165).

Desviando agora nosso olhar para a obra *As visitas do Dr. Valdez* (COELHO, 2004), gostaria de chamar a atenção para as suas três personagens principais: Sá Caetana, Sá Amélia e Vicente. As duas primeiras, velhas senhoras e patroas que trazem em si a ambigüidade de identidades nada simples, são filhas da mulata Ana Bessa com estrangeiros distintos e já entre si guardam uma relação de semelhança e diferença: são apenas meias-irmãs. Guardam também no corpo e na pele os sinais dessas ambigüidades, que parecem se dissolver apenas na relação que estabelecem com os criados. Assim, Sá Caetana transforma-se, por exemplo, na Grande Senhora. No que se refere aos criados, vemos a transmissão hereditária de um lugar também ambíguo, que significa subserviência, mas que também confere algum sentido à vida tal como foi aprendida. Aí nos deparamos com Cosme Paulino, que viveu e morreu sendo fiel a tal lugar, e também com seu filho Vicente, herdeiro dessa “tradição” mas que, mesmo em sua fidelidade canina, começa a questionar alguns lugares muito estabelecidos e, subvertendo a ordem, dá lugar a novos arranjos identitários.

Chamo a atenção para a forma como cada lugar – cada identidade – na verdade se constitui e sustenta-se apenas pela manutenção das funções às quais está atrelado. Só se é patrão, senhor(a), quando se tem criados. Em contrapartida, só se é um criado na relação que se estabelece com aquele que manda. O grande paradoxo em que todos os personagens se vêem é que tais lugares, tão velhos e tão estabelecidos, e que datam de gerações, já estão desgastados e corroídos. Ao mesmo tempo, esses personagens ainda não dispõem de novos lugares e posições que lhes possibilitem o exercício de novas identidades. De meu ponto de vista, o fio da obra desenvolve-se justamente nessa tensão e transição entre os corroídos lugares e o desafio do deslocamento rumo a novas e antes improváveis posições. O que creio ser fundamental, entretanto, é a interdependência entre esses lugares, isto é, como a mudança de um implica a mudança do outro e desta depende.

## IDENTIDADE E ALTERIDADE: ENTRE O EU E O OUTRO

Avançando um pouco mais nas nossas possibilidades de elaboração, podemos tomar Morin (1996) como um autor que também aborda o conceito de identidade. Sua concepção parece sintonizada com a perspectiva de uma construção sócio-histórica, a partir da qual temos desenvolvido nossos argumentos. Entretanto, ao elencar os princípios sobre os quais compreende que a identidade seja construída, o crítico enfatiza uma dimensão que acredito ser fundamental: a dimensão da alteridade e a forma como lidamos com ela.

Nessa perspectiva, refere-se a três grandes aspectos. O primeiro seria a compreensão da identidade como um sistema baseado na diferença entre o si e o “não-si”, com valor de salvaguarda do si e com rechaço do “não-si”. O segundo seria o de que o eu realiza uma certa unidade, mas operando a partir de dois princípios associados, o de exclusão e o de inclusão: “[O] princípio de exclusão é inseparável de um princípio de inclusão que faz com que possamos integrar em nossa subjetividade outros diferentes de nós, outros sujeitos. Podemos integrar nossa subjetividade pessoal numa subjetividade mais coletiva: ‘nós’” (MORIN, 1996, p. 51). Por último, o autor refere-se ao princípio de intercomunicação com o semelhante, que deriva do princípio de inclusão.

Considero essa definição importante porque, a partir dela, compreendemos que os processos de constituição de identidade dizem respeito a um processo básico de autoconhecimento, o que não é nada fácil – seja para uma pessoa ou para um povo. Indo mais além, vemos que esse é um processo construído coletivamente, a partir de elementos históricos e relacionais, numa dinâmica de inclusões e exclusões. A identidade, apesar de ser uma “representação de si”, pressupõe necessariamente uma relação com o outro – seja essa uma relação fácil ou desafiadora.

No que se refere à obra sob análise, creio ser interessante tomar agora a aparição do Dr. Valdez, criação de Sá Caetana e Vicente para animar Sá Amélia. Surgindo inicialmente de forma bastante caricatu-

ral, inspirado na figura de um velho médico, branco, que habitava o passado da família, esse novo Dr. Valdez acaba por se tornar ele próprio uma outra personagem a operar mudanças profundas não apenas em Sá Amélia mas principalmente em seus criadores.

Chamo a atenção para o jogo que é estabelecido nesse movimento de representação. Trata-se, basicamente, do aprendizado, até então inédito, da experiência de ocupar outros lugares: o criado negro ocupando o lugar do médico branco e sendo acolhido como visita na casa das senhoras; a velha senhora passando pela experiência de servir chá ou cerveja ao criado, de tê-lo ao seu lado no sofá. Tal jogo remete-me à imagem de uma técnica utilizada em psicoterapia de grupo e que tem sua origem no teatro: o psicodrama. Neste, cada pessoa passa a representar o papel de outrem, de modo a poder entrar em contato com outros pontos de vista e, assim, ter a chance de modificar o seu próprio.

No que se refere à dinâmica aludida por Morin (1996) – de inclusão e exclusão – pode-se ver como a criação do Dr. Valdez potencializa esses processos em Vicente. Ele escolhe os elementos “brancos” a incluir ou excluir na personagem que interpreta, ao mesmo tempo em que preserva ou esconde os seus próprios elementos originais. No desenvolvimento de sua representação, ocorre uma espécie de amálgama, no qual, pouco a pouco, o simulacro branco que antes representava Dr. Valdez vai se desfazendo, até que a própria noção de que tudo não passa de uma representação é incorporada àquele sistema de relações – a máscara Mapiko representa bem esse momento. A ausência de simulacro dá-se quando fica visível que tudo não passa mesmo de representação. E a identidade não é, ela própria, um conjunto de representações? Seria uma máscara – ou mesmo um conjunto de máscaras?

Tanto Vicente quanto Sá Caetana são profundamente transformados por essa nova possibilidade de relativizar os lugares e as relações que estabelecem uns com os outros. Diante desse afrouxamento de lugares antes tão rígidos, podem vir à tona novas possibilidades não apenas pessoais mas também de contato com afetos que os ligam mu-

tuamente. Ao lado dos processos pessoais assinalados por essa mudança, pode-se também fazer uma alusão aos processos mais amplos, que envolvem o povo africano e suas relações com os colonizadores. Nesse sentido, há uma tensão especial entre passado e presente.

## IDENTIDADE E MEMÓRIA: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

Se nos referimos aos processos de constituição de identidade como formas sócio-históricas de individualidade (representação do eu), é também importante pensarmos como essa construção se dá, considerando a articulação entre passado e presente. Numa referência ao contexto africano, a pergunta talvez seja como se dá o processo de constituição de identidade nessa tensão entre a tradição – seja a tradição cultural dos povos, seja a tradição imposta pelas relações com os colonizadores – e a pós-modernidade, nas identidades múltiplas que esta enseja.

Reporto-me então a um argumento utilizado por Stuart Hall (1998) quando aborda a importância das questões ligadas à identidade e à modernidade:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (p. 7)

Diante desses movimentos de tensão, que unem passado e presente, individual e coletivo, recorro a um outro conceito como forma de avançar em nossa possibilidade de leitura: o de *memória coletiva*, de Maurice Halbwachs (1990). Temos contato, então, com uma concepção de memória coletiva relacionada à experiência pessoal.

Para Halbwachs, o trabalho de memória é sempre uma construção do grupo mas também do sujeito, de forma que o indivíduo retoma os

modos de pensamento e experiência próprios da comunidade à qual pertence. Ao mesmo tempo em que a lembrança está inserida em um processo social específico, ela também é sustentada pelo apego afetivo a uma comunidade – que é, antes de tudo, uma comunidade afetiva. Ocorre assim a identificação do sujeito com a mentalidade do grupo no passado, podendo-se inclusive prescindir de sua presença concreta. O sujeito pode então retomar as capacidades de pensar e lembrar, tal como fazem os membros daquele grupo. A memória individual pode ser entendida, a partir dessa perspectiva, como um ponto de convergência e como uma forma particular de articulação de diferentes influências sociais.

O nosso novo Dr. Valdez traz à tona as marcas profundas que pontuam a relação dos indivíduos entre si, mas que têm sua origem em relações muito mais antigas do que esses próprios indivíduos podem imaginar. O desafio de superar tais marcas, de produzir novas possibilidades relacionais, vem de encontro, portanto, não apenas às dificuldades concretas e atuais mas ao tabu de fazer uma história diferente daquela de nossos pais e antepassados. Essa herança, que é afetiva e traz em si gostos doces e amargos (se bem que essas categorias, por vezes, se confundem – como bem atestaria Cosme Paulino), implica a posição de um sujeito que tem sempre um pé na sua história passada e outro que se levanta em direção ao futuro. O caminhar faz-se justamente pela alternância entre esses dois pontos de apoio. A fixação apenas em um deles significa a total imobilidade, imagem que é retratada na própria obra. Os deslocamentos inicial e final das personagens, a condição de Sá Amélia (que inspira a vinda de Dr. Valdez) remetem ao desafio, à dificuldade e à necessidade de que os tempos se alternem. Esse é, inclusive, o ritmo da própria narrativa, que vai alternando cenas passadas e presentes. E é essa alternância que produz a história e conduz ao futuro.

## A TÍTULO DE (IN)CONCLUSÃO: CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES AFRICANAS

Tomando as discussões efetuadas sobre a identidade – nas relações que estabelece com uma dimensão sócio-histórico-cultural, nas relações de inclusão e exclusão que se dão a partir do contato com o outro, nas relações entre as marcas da tradição e os desafios pós-modernos – resta-nos perguntar especificamente acerca das identidades africanas. Vimos que a identidade, a partir dessas representações sobre as quais se funda – e que podem variar de acordo com o grau em que se inspiram em conteúdos imaginários –, torna-se um terreno sobre o qual os sujeitos podem se erguer ou no qual podem se afundar. Renan (1994) e Appiah (1997), sob perspectivas bem distintas, buscam problematizar aspectos ligados à constituição de uma identidade africana e à forma como esse terreno pode se tornar menos pantanoso.

Renan (1994) compreende a nação como uma alma ou um princípio espiritual formado de elementos passados e presentes. Esse passado estaria relacionado a uma experiência comum de esforços e sacrifícios, e aquilo a que se refere como presente estaria, por sua vez, relacionado ao desejo de permanecer juntos, de fazer viver no tempo a herança comum. O autor enfatiza um aspecto emocional envolvido nessa concepção de nação e busca diferenciá-la das noções de raça e nacionalidade.

Já Appiah (1997) parece trazer uma perspectiva ainda mais crítica, buscando desconstruir aquelas que considera como bases imaginárias das identidades africanas – justamente as noções de raça, de experiência histórica comum e de presença de uma metafísica compartilhada. Para o autor, essas bases falaciosas seriam perigosas e pressuporiam falsidades sérias demais para serem ignoradas. Acreditando em uma identidade africana em formação, Appiah delega uma grande responsabilidade aos intelectuais, pela força que concede a uma perspectiva mais analítica e racional. A direção de seus argumentos também vai de encontro à construção de uma identidade que confira poder, através

da conscientização dos lugares que a África vem ocupando e das suas possibilidades de desenvolvimento no contexto global.

As questões abordadas por esses dois autores parecem aglutinar os temas que foram trazidos por este trabalho, no seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, vistas em conjunto, essas questões também traduzem um pouco das vivências das personagens da obra de Borges Coelho nessa construção/desconstrução de identidades, marcadas por suas relações umas com as outras, com seus próprios corpos, com seus lugares sociais, com a tradição e com os desafios das mudanças atuais. O que está sendo retratado em *As visitas do Dr. Valdez* (COELHO, 2004) talvez seja essa vivência sofrida e necessária da mudança de lugares, que não estão prontos mas são construídos nas relações com o outro, que nunca serão estáveis e que, mesmo orientados para um futuro, trazem as marcas inegáveis de um passado contundente. A busca e o sofrimento de cada personagem, na sua diversidade, são a busca por essa “identidade africana”, tal como pode ser articulada hoje.

#### ABSTRACT

This paper aims at reading João Paulo Borges Coelho's works taking his main characters' routes as a search for the constitution of new identities. It problematizes that process, designing it in a social and historical perspective of a relationship with alterity and memory, culminating in a reflection on the constitution of African identities.

Key words: João Paulo Borges Coelho; Constitution of identities; Alterity; Memory.

## Referências

- APPIAH, Kwame Anthony. Identidades africanas. In: APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 241-251.
- CERULO, Karen A. Identity construction: new issues, new directions. *Annual Reviews Social*, Palo Alto, n. 23, p. 385-409, 1997.
- COELHO, João Paulo Borges. *As visitas do Dr. Valdez*. Maputo: Ndjira, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- JACQUES, M. G. C. Identidade. In: STREY, M. N. *et al.* *Psicologia social contemporânea: livro texto*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 159-167.
- MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fried. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 45-55.
- RENAN, Ernest. Qu'est-ce qu'une nation? In: HUTCHINSON, John; SMITH, Anthony. *Nationalism*. Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 17.

